

humanitas

Vol. XIII-XIV

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XIII E XIV



COIMBRA

MCMLXI - LXII

Mas agradeçamos ao Prof. Francis Rogers que, escrevendo em inglês (poucos nos lêem em português) sobre a nossa cultura, tem reivindicado o contributo de Portugal à História da Civilização, para além do exotismo de elefantes e rinocerontes...

Nova Iorque, Janeiro de 1962.

AMÉRICO DA COSTA RAMALHO

LEONARD BACON — *The Lusiads of Luís de Camões translated with an Introduction and Notes by...* Hispanic Society of America, New York, 1950, 36+436 pp. (*).

A tradução de Leonard Bacon, de «Os Lusíadas», publicada pela Hispanic Society of America, há doze anos, em Nova Iorque, embora não seja ignorada, é pouco conhecida em Portugal.

E não admira que assim aconteça. No país onde o público cultivado pode entender o original, não surpreende que o interesse pela tradução seja menor. Aliás, esta versão poética em oitavas renascentistas, semelhantes às camonianas, está longe de ser mais fácil que o texto português. Demais, não obstante os méritos de versejador de Leonard Bacon, não lhe é, naturalmente, possível igualar o seu modelo.

Mas além do esforço que a versão poética representa—e pelo qual têm os portugueses uma dívida de gratidão para com o tradutor americano — a sua Introdução ao poema, as Notas aos Cantos e o *excursus* final sobre «Camões and. the History of Portugal» constituem valioso trabalho de exposição de História e Cultura Portuguesas perante o público leitor do inglês. A concluir o volume, encontra-se uma formosa tradução de «Sóbolos rios que vão».

As poucas observações críticas que seguem, em nada pretendem diminuir os méritos da obra de Leonard Bacon.

Louvemos no lusófilo americano, por exemplo, a coragem com que se libertou daquilo a que chamarei o Mito Colombiano, tão corrente no seu país. Reina, com efeito, nos Estados Unidos a ideia de que Cristóvão Colombo foi o maior dos navega-

a partida de Leão X vem a p. 137. A outra referência vem a p. 217. Em ambas, D. Manuel é chamado «Emmanuel the Great of Portugab».

(*) Texto ampliado de urna notícia crítica aparecida em «Fulbright Newsletter», Lisbon, η. 2 (Dez. 1961).

dores das Descobertas, o mais preparado cientificamente, o mais original. É corrente ler-se (desde o *New York Times* até livros assinados por universitários) que a ideia de que a terra é redonda foi uma descoberta de Colombo. E quem estas linhas escreve, ouviu há tempos um comentador da televisão declarar com toda a seriedade que o navegador italiano, atingindo a Índia pelo Ocidente, demonstrara a redondeza da Terra !

Leonard Bacon, no seu jeito irónico, refuta a superioridade do *genio vês*. A propósito de *Lus.* V, 25, 7 escreveu: «Vasco da Gama went ashore so as to get a really accurate observation. He was incapable of the astounding blunders of Columbus.» Sobre *Lus.* X, 95,1 diz : «The Nile actually does rise in Victoria Nyanza. This was not ascertained till the 60's of the last century. The Portuguese had fairly accurate information.»

E em Camões, não obstante apontar-lhe ocasionais deslizes, reconhece de forma pitoresca a informação larga, abundante e segura que faz do nosso poeta um dos espíritos universais do Renascimento. No comentário a *Lus.* X, 14, 1-4, leem-se estas palavras: «Camões is almost as pedantically meticulous as a German Ph. D.»

Postos assim inicialmente alguns dos méritos, mencionemos uma ou outra deficiência do comentário. A maior creio ser a pouca familiaridade de Leonard Bacon com a tradição portuguesa de exegese do poema. Além do enorme esforço pessoal que realizou, da ajuda dos amigos a quem recorreu, a maior parte das informações deriva de comentadores do poema, que usaram a língua inglesa, tais como Sir Richard Burton e J. D. M. Ford.

Uma figura fundamental da exegese camonianiana como Faria e Sousa (que escreveu em espanhol) é-lhe conhecida apenas indirectamente por indicações do Dr. Edward Glaser e o clássico zoilo José Agostinho de Macedo, através das críticas acerbas de Burton, de quem foi — como nota Leonard Bacon — uma espécie de «pet aversion». A nota a *Lus.* III, 48 é significativa : «Macedo — to judge from Burton's quotations — must be one of the most absurd of commentators, in spite of tremendous competition.»

Quanto a camonistas como Epifânio Dias e José Maria Rodrigues, para só mencionar os passados, ficam inteiramente em branco.

E no entanto, a leitura dos comentadores portugueses ajudar-lhe-ia, por exemplo, a resolver mais facilmente o aparente erro de Camões em *Lus.* III, 94,1, chamando «O Bravo» a D. Afonso III, do que a nota tirada de um antecessor americano: «Professor Ford points out a curious error of Camões. Afonso III, notwithstanding his military record, was never called the 'brave' which was the soubriquet of Afonso IV.»

Na verdade, o Comentário à edição da Imprensa Nacional, de 1931, da autoria do Prof. José Maria Rodrigues, logo esclareceria: «O epíteto passou depois para

D. Afonso IV, a partir da *Genealogia Verdadeira, etc.* de Nunes de Leão, publicada em 1950.» Isto equivale a dizer que Canões se limitou a seguir o uso do seu tempo e não cometeu, portanto, um erro.

Para citar outro caso, um amigo de Leonard Bacon indicou ao A. semelhanças «between the apparition of Adamastor to Gama and that of the Afrit to the Fisherman in the Arabian Nights». Ora a comparação pormenorizada dessas semelhanças foi há muito feita por José Benoliel no seu estudo intitulado «Episódio do Gigante Adamastor», aparecido em Lisboa em 1898 (pp. 29 a 48).

Ainda outro prestável informador, a quem L. B. recorreu, menciona a existência do gigante Adamastor em Rabelais e o A. dá-lhe por isso os devidos emboras. Entretanto, a tradição escoliástica portuguesa já antes se dera conta do pormenor erudito.

O senso crítico do comentador raro o abandona. Com perspicácia distingue entre o Heitor da Silveira de X, 60 e o amigo de Camões, mostrando que se trata de pessoas diferentes. Mas a si mesmo se condena, ao julgar com severidade Sir Richard Burton a propósito do Actéon de IX, 26, que o comentador inglês do século passado referiu a D. Sebastião («Burton is here, I think, at his very worst»).

Um dos atractivos do Comentário de Leonard Bacon é o seu sentido de humor, nem sempre liberto de uma ponta de acidez. Se aproveita Burton e Ford, também não deixa passar uma boa ocasião de rir-se deles: do primeiro, em nota a *Lus.* III, 55, por exemplo; do segundo, na referência a VII, 37, 3.

Para terminar, dois exemplos do humorismo do Comentário, ambos tirados da mesma página (205). Um diz respeito ao Cabo da Boa Esperança: «Cape of Good Hope was the name Dias gave. John II, who had not been there, renamed it Good Hope.» O outro ao Naufrágio de Sepúlveda: «[...] The ghostly affair became in due course the subject of Jerónimo de Corte Real's epic, *Naufragio de Sepulveda* in 17 books, which this translator will not read.»

Ocasionalmente, o humorismo pode tornar-se um pouco irreverente, como em III, 14, 2: «Nuno Álvares Pereira, often called, perhaps because of his habit of praying in inconvenient times, 'The Holy Constable.'» Mas há aqui talvez a intenção de dissimular com um sorriso a monotonia inevitável da transmissão de lugares-comuns que todo o comentador de uma obra famosa tem de repetir. A verdade é que o leitor de formação classicista encontrará em Leonard Bacon muitas oportunidades de meditar e de aprender.

No seu conjunto de apresentação gráfica e conteúdo, esta nova edição em língua inglesa de *Os Lusíadas* honra a Cultura Norte-Americana.

Nova Iorque, Janeiro de 1962.